

## O RETRATO DO ASSÉDIO SEXUAL NO CINEMA EGÍPCIO

Giulia MIRANDA(IDP)<sup>1</sup>

Ao se buscar filmes com a temática de Egito nas principais plataformas de streaming do Brasil, pode-se perceber uma predominância de documentários sobre pirâmides e escavações arqueológicas e obras cinematográficas épicas sobre deuses egípcios. Contrariando o senso comum brasileiro, o cinema egípcio já foi um importante centro de produção cinematográfica, em especial, na era de Nasser (1954-1970), quando ele foi utilizado, também, como um meio de propaganda da ideologia do pan-arabismo. No entanto, a partir da posse de Anwar Sadat (1970-1981), em decorrência de um endividamento da Organização Nacional de Cinema, esse tipo de produção foi interrompida, contando, assim, com poucas obras de impacto nos últimos tempos, mas que tocaram em temas relevantes na sociedade egípcia da atualidade, como o assédio sexual.

Diante disso, a ideia desse artigo é fazer um panorama histórico do cinema egípcio, destacando a participação das mulheres nesse meio, chegando, desse modo, a uma obra essencial desse século, *Cairo 678*. Portanto, descreverei o filme em questão para que se tenha uma melhor ideia de seu conteúdo e, a partir dele, refletir sobre o que se mantém ou o que mudou em relação a situação das mulheres nesse país desde que ele foi feito.

Há muitas controversas em relação ao marco pioneiro do cinema egípcio, mas é possível afirmar que a data de 1927 é de suma importância, pois ela representa o lançamento do filme *Laila*, produzido e estrelado por Aziza Amir, a considerada por muitos, “padroeira” dessa arte no país. Segundo a acadêmica Muna Omran, esse feito, portanto, foi resultado, principalmente, da Primeira Guerra Mundial e da luta contra a ocupação britânica no Egito em 1919, quando muitas mulheres passaram a ocupar os lugares dos homens em diversas atividades, juntamente com os primeiros contatos com o movimento feminista. Com isso, elas conquistaram seu lugar

---

<sup>1</sup> Graduanda em Relações internacionais IDP, Brasília, DF, Brasil.  
Contato: [giulia.matosranda@gmail.com](mailto:giulia.matosranda@gmail.com)

na indústria cinematográfica. No entanto, elas seguiram sendo retratadas de forma objetificada e submissa aos homens nas produções feitas em seguida.

Foi só no final do século XX, porém, quando o longa-metragem *Orid hallan* (1975) abriu as portas para a discussão de gênero nesse tipo de mídia. A partir disso, foi-se produzido mais obras seguindo essa temática, mas se é necessário destacar uma das primeiras a se retratar o assédio sexual, problemática grave do país, como tema principal.

*Cairo 678* de 2010 foi dirigido pelo cineasta egípcio Mohamed Diab. Nele é retrato a violência sexual a qual as mulheres egípcias, sobretudo, são submetidas. Baseado em histórias reais, ele é contado mediante a narrativa de três mulheres vítimas de assédio sexual, cada qual com sua vivência distinta em relação ao assunto, e sob uma ótica de diferentes classes sociais. O filme é responsável por promover diversas reflexões e é considerado um meio de denúncia do problema.

A primeira mulher retratada é Seba, uma design de joias de classe alta, que é assediada durante um evento esportivo por um grupo de homens. Após o ocorrido, seu marido, porém, se afasta da relação alegando que a violência sofrida pela mulher é motivo de vergonha para ele. Influenciada por seus pais, também, a não denunciar seus agressores, pois isso, segundo sua mãe, colocaria em risco o emprego do seu pai, ela se vê sozinha sem um suporte emocional e, com isso, cria um grupo de apoio às mulheres vítimas de assédio sexual, onde elas aprendem a se impor e a se defender quando ocorrer esse tipo de situação hostil ocorrer.

Inspirado no feito de Noha Roushdy, a primeira mulher a processar seu agressor por assédio sexual no Egito, feito que ocorreu apenas em 2008 e serviu de porta de entrada para a criação de leis que criminalizariam esse tipo de violência. A outra mulher retratada é Nelly, uma atendente de call center e aspirante a comediante de stand-up de classe média, a qual é constantemente assediada em seu trabalho, acaba sofrendo assédio durante a travessia de uma rua até a casa de sua mãe. Determinada a processar seu agressor, acompanhamos, então, a saga dela até finalmente conseguir pisar em um tribunal, que vai desde a delegacia, lugar onde os policiais fazem de tudo para dificultar o processo, até a exigência da família de seu noivo de retirar as queixas.

Por último há Fayza, uma empregada do governo, que por conta de sua condição financeira, é obrigada a se deslocar por meio de ônibus, lugar onde, no filme, a maioria dos assédios acontecem. Vítima diária desse tipo de violência, ela resolve se defender de seus

agressores os golpeando na genitália. Tal feito causa comoção e medo na população de Cairo e é possível perceber uma diminuição nos casos de constrangimento sexual. Além disso, é importante ressaltar a relação com seu marido, o qual a vê apenas como um objeto de cunho sexual responsável por cuidar da casa e de seus filhos e a saciar seus desejos. A situação das três mulheres, portanto, é um retrato da sociedade egípcia atual.

Segundo os últimos dados que se tem sobre assédio sexual no Egito, em 2013, o país foi eleito como o pior para as mulheres viverem, após um estudo feito pela Thomson-Reuters, e é responsável por uma estatística de 99,3% de mulheres que foram vítimas desse tipo de violência, segundo a ONU Mulheres nesse ano. Além disso, nesse mesmo estudo da ONU, 82,6% delas afirmaram não se sentirem seguras ou segurança nas ruas e 86,5%, nos transportes públicos, assim como explicitado no filme.

Atualmente, grande parte das informações novas a respeito desse assunto está no *HarassMap*, assim como explica a estudiosa Renata Moreira Fontoura, uma ONG formada por 3 mulheres egípcias e uma americana, que tem como objetivo servir de plataforma para denúncia e senso de casos de assédio sexual em várias partes do mundo. Ela é especialmente famosa no Egito, país responsável pelo maior número de denúncias nesse site. Segundo os últimos dados contabilizados, há aproximadamente 1739 casos desse tipo de violência no país, sendo 1122 no Cairo, lugar retratado no filme e que apresenta a maior quantidade de ocorrências no mapa.

Outro fato explicitado na obra cinematográfica, é uma cena muito simbólica em que uma criança que, após avistar Seba andando por uma feira em Cairo, é motivada pelo seu grupo de amigos a mexer com ela, a assediando. Tendo em vista o acontecimento, é possível concluir como essa forma de violência está enraizada e normalizada na sociedade e é necessária a mudança.

A Revolução de 2011 foi um marco crucial para a implementação de mudanças, quando muitas mulheres foram a praça Tahrir protestar em prol de seus direitos. Em 2014, após a pressão do movimento antiassédio sexual egípcio, o qual ocorre desde 2005, o Código Penal do Egito foi, então, alterado de forma a criminalizar pela primeira vez o assédio sexual e outros crimes relacionados, punindo qualquer um que insinue de forma sexual sua vítima, seja por gesto, fala ou ação, por meio do artigo 306 (a) condenando o agressor a no mínimo 6 meses de prisão e/ou a pagar de 3000 a 5000 libras. No entanto, em 2021, foi aprovada uma nova emenda,

o artigo 306 (b), o qual aumenta a pena imposta pelo artigo anterior para no mínimo 5 anos de prisão e/ou a pagar de 200.000 a 300.000 libras egípcias e muda a definição de assédio sexual para qualquer crime que o agressor tenta tirar algum benefício sexual da vítima.

Juntamente a isso, em 2021, pela primeira vez, uma lição ensinando as crianças a se protegerem contra o assédio sexual foi ministrada no Egito. Fruto de um aumento nos incidentes de abuso infantil, especialmente após o caso do Maadi, um pedófilo que abusou de uma menina de 12 anos. Nessa aula, as crianças são ensinadas a chamar ajuda quando elas se sentirem violadas e aos limites de seu corpo. Com isso, espera-se que os casos desse tipo de violência diminuam e que isso eduque as crianças a, também, não se tornarem futuros abusadores.

Apesar de novas leis aprovadas e um maior comprometimento do governo egípcio, em tese, de tratar da situação, ainda se é possível ver notícias como o ocorrido recente da prisão de adolescentes que assediaram turistas nas pirâmides, isso representam um comportamento da sociedade que ainda precisa ser cada vez mais erradicado. Também é importante ressaltar a falta de dados em relação ao assunto bem depois da Primavera Árabe, acontecimento aparentemente responsável por trazer mudanças. Será isso uma forma do governo não assumir que as medidas tomadas ainda não foram suficientes e esconder a verdadeira realidade do país? Isso, no momento, é impossível de saber, mas é de suma importância, portanto, a continuação da denúncia por meio de filmes e notícias, que apesar de poucas ajudam muito a traçar um panorama da sociedade e a expor agressores e suas punições, e da não desistência do governo de aprovar cada vez mais e mais medidas mais rígidas para esse tipo de situação. Com isso, espera-se que o assédio sexual se torne um problema passado na sociedade egípcia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAIRO 678. Direção: Mohamed Diab. Egito: New Century Production, 2010. Youtube.
2. ASFOUR, Nana. Cairo 6,7,8: Mohamed Diab on sexual harassment in Egypt. The New Yorker, 2011. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/cairo-6-7-8-mohamed-diab-on-sexual-harassment-in-egypt>. Acesso em: 25 jul. 2022.
3. Egypt Today staff. Egypt's new amendments for sexual harassment laws ends different forms of violence against women: UN Resident Coordinator. Egypt Today, 2021. Disponível em: <https://www.egypttoday.com/Article/1/107073/Egypt%E2%80%99s-new-amendments-for-sexual-harassment-law-ends-different-forms>. Acesso em: 25 jul. 2022.
4. DEARO, Guilherme. Egito é o pior país árabe para mulheres; veja a lista. Exame, 2013. Disponível em: <https://exame.com/mundo/egito-e-o-pior-pais-arabe-para-mulheres-veja-a-lista/>. Acesso em: 25 jul. 2022.
5. UNFPA Egypt. Disponível em: <https://egypt.unfpa.org/en/node/22540#:~:text=Also%2C%20the%20research%20%E2%80%9CStudy%20on,sexual%20harassment%20in%20their%20lifetime>. Acesso em: 25 jul. 2022.
6. FONTOURA, Renata Moreira. Retóricas, embates e medições na construção da luta antiassédio sexual no Cairo, Egito. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499446434\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompleto\\_RenataMoreiraFontoura.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499446434_ARQUIVO_ArtigoCompleto_RenataMoreiraFontoura.pdf). Acesso em: 26 jul. 2022.
7. Egypt arrests teenagers for harassing female tourists at pyramids. BBC, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-61378507>. Acesso em: 26 jul. 2022.
8. BUSKIRK, Wesley D. Egyptian Film and Feminism: Egypt's View of Women Through Cinema. Cinesthesia, Vol. 4, Iss. 2 [2015], Art. 1. Disponível em: <https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1079&context=cine>. Acesso em: 26 jul. 2022.

9. DE SOUZA, Noël. A Century of Egyptian Cinema. Golden Globe Awards, 2021. Disponível em: <https://www.goldenglobes.com/articles/century-egyptian-cinema>. Acesso em 26 jul. 2022.
10. OMRAN, Muna. Cinema e Política O Egito em transformação. Acesso em 28 jul. 2022.
11. HarassMap . <https://harassmap.org/en>. Acesso em 28 jul. 2022.
12. MAGDI, Nourhan. Egypt introduces anti-harassment lesson for 4th grade students for the first time. Egypt Today, 2021. Disponível em: <https://www.egypttoday.com/Article/1/109709/Egypt-introduces-anti-harassment-lesson-for-4th-grade-students-for>. Acesso em 28 jul. 2022.